

EDITORIAL

A Ciência da Religião tem sido crescentemente desafiada a enfrentar um cenário intelectual caracterizado pela multiplicidade de perspectivas hermenêuticas e pela necessidade de repensar categorias tradicionais sobre religião à luz de novas experiências históricas. Pois bem, em linha com tal desafio, os artigos livres reunidos na presente edição de NUMEN inserem-se precisamente nesse horizonte de reflexão, oferecendo contribuições que, embora distintas em seus referenciais teóricos e objetos empíricos, convergem na análise dos processos de construção e ressignificação de universos simbólicos.

Não é, evidentemente, tarefa fácil produzir um editorial sobre um conjunto de textos que por vezes, e em muitos sentidos, são díspares. Mas na Babel que, tantas vezes, aparentemente ou não, caracteriza a Ciência da Religião, é necessário encontrar “fios vermelhos”, quer dizer, pontos de convergência que unam a pluralidade dos textos, e de seus contextos, em uma imagem que possa refletir coerências internas, o que, de certo modo, é um dos *leitmotiv* de uma Ciência da Religião, isto é, de uma ciência que pretende apresentar um estatuto epistemológico consistente e, ousado dizer, unitário.

Ora bem, uma das linhas de força que atravessa este conjunto de textos, e que me parece a dar rosto unitário à multiplicidade apresentada, diz respeito à relação entre memória, interpretação e tradição. Longe de serem concebidas como estruturas estáticas ou meramente reprodutivas, as tradições religiosas aparecem aqui (e são) como espaços dinâmicos de elaboração de sentidos, continuamente reinterpretados em diferentes contextos históricos. Michel de Certeau, por exemplo, que o diga! E é nesse horizonte, por exemplo, que se inscreve o estudo sobre a cultura visual da temperança e suas relações com o rito da Santa Ceia. Helmut Renders, em **A temperança na imagem religiosa e no rito: entre memória e apelo cultural e religiosa**, examina a circulação de imagens e práticas rituais vinculadas ao conceito de temperança, evidenciando como a memória religiosa se constitui simultaneamente como preservação e transformação, articulando práticas devocionais/morais e representações visuais em processos complexos de negociação cultural. O trabalho revela, assim, que as imagens religiosas não apenas refletem visões de mundo, mas participam ativamente da produção de sensibilidades e formas de pertencimento coletivo.

Também vinculada à problemática da tradição interpretativa encontra-se a investigação ***Kyriakē hēmera: O debate sobre o sábado e o domingo a partir do Apocalipse de João***. Ao revisitar um dos debates mais persistentes da história do cristianismo, Vanderlei Dorneles e Marcos Peter Teixeira Soares demonstram como a interpretação de um único termo pode condensar disputas teológicas e litúrgicas que atravessam séculos. Mais do que discutir a oposição entre sábado e domingo, o estudo evidencia os mecanismos pelos quais comunidades religiosas constroem legitimidades hermenêuticas e inscrevem suas práticas no interior de narrativas históricas mais amplas.

Passando a um eixo mais filosófico, temos o texto de René Dentz e José Francisco Fernandes Júnior, intitulado **A Subjetividade como Desafio ao Neurocentrismo: Perspectivas Existenciais, Narrativas e Fenomenológicas**. Em um contexto marcado pela crescente influência das neurociências e pela expansão de modelos explicativos naturalistas, torna-se particularmente relevante interrogar os limites das abordagens reducionistas da experiência humana. O artigo dedicado à crítica do neurocentrismo insere-se diretamente nesse debate ao defender a irredutibilidade da subjetividade diante de interpretações que tendem a explicar consciência, liberdade e responsabilidade exclusivamente em termos neurobiológicos. Recuperando aportes da filosofia existencial e

da fenomenologia, os autores recolocam no centro da discussão a questão do sujeito e a complexidade da experiência humana, bem como questões como as da alteridade e da transcendência. Ao fazê-lo, contribuem significativamente para os debates contemporâneos sobre a legitimidade epistemológica da experiência religiosa. De fato, é texto precioso aqui publicado, a plear com as concepções reducionistas a respeito da experiência religiosa.

A questão da subjetividade, que, aliás, é tão afeita aos nossos tempos, reaparece, sob outro registro, no artigo **O “Poema da Contemplação ao alvorecer” de Śaṅkarācārya: ontologia e pedagogia da não-dualidade no Advaita Vedānta**, de autoria de Alina Silva Sousa de Miranda. Entretanto, aquilo que no debate contemporâneo surge como problema filosófico acerca da consciência é aqui deslocado para uma tradição que compreende o sofrimento humano como resultado de uma ignorância fundamental acerca da natureza da realidade. A análise do Prātaḥ-smaraṇa Stotra demonstra como ontologia e a soteriologia constituem dimensões inseparáveis no pensamento não dualista em terras da Índia. O artigo oferece valiosa aproximação a uma tradição intelectual que vem ganhando corpo nos debates acadêmicos ocidentais, sendo o PPCIR da UFJF uma das referências acadêmicas em tais estudos, através do NERFI. Assim, o artigo oferece oportunidade de reflexão sobre formas alternativas de conceber a relação entre conhecimento, experiência e libertação. Em tempos marcados pelo predomínio de epistemologias centradas na fragmentação e na especialização, o texto recupera uma tradição que insiste na unidade fundamental entre saber e transformação existencial.

Por sua vez, o artigo **A teologia cuir como espiritualidade política**, da pena de Enrique Vega-Dávila, analisa as disputas contemporâneas em torno dos corpos, das sexualidades e das formas de produção teológica na América Latina. Ao propor compreender a teologia cuir como espiritualidade política, o autor inscreve-se em uma tradição crítica que busca interrogar os mecanismos pelos quais determinadas experiências humanas são legitimadas ou excluídas dos discursos religiosos. Em diálogo com a teologia da libertação e com os estudos queer, o texto evidencia que toda produção teológica está situada em relações concretas de poder, tornando inevitável a reflexão sobre os sujeitos e os corpos. Percebo que a contribuição do texto ultrapassa o âmbito específico das discussões sobre gênero e sexualidade, alcançando questões mais amplas sobre a produção do conhecimento religioso, da construção da autoridade teológica e de resistências simbólicas.

Outra dimensão fundamental da experiência religiosa é explorada no artigo **O gozo místico-erótico em O Êxtase de Santa Teresa de Bernini: entre escritura e escultura**, de autoria de Davi de Lira e Walter Melo. Ao examinar simultaneamente a autobiografia de Teresa de Ávila e a célebre escultura de Gian Lorenzo Bernini, os autores demonstram como a tradição mística cristã mobiliza imagens corporais e afetivas para expressar experiências que desafiam os limites da linguagem ordinária, evidenciando a profunda articulação entre imaginação e transcendência. Ao dialogar com referenciais oriundos da filosofia e da psicologia, o texto contribui para superar dicotomias simplificadoras – e que sempre e infelizmente foram tão comuns no cristianismo – entre corpo e espírito, revelando a riqueza hermenêutica das experiências místicas e dos seus modos de representação artística.

A questão da memória religiosa e de seus mecanismos de transmissão social reaparece, de forma diversa, no artigo **Monsenhor Rios em sua antecessão póstuma: sustentabilidade nas articulações folkcomunicacionais dos marginalizados**, saído da pena de Viviam Lacerda de Souza e de José Antônio da Silva. Se, em diversos contextos religiosos, a permanência das tradições depende da institucionalização doutrinária/consolidação de discursos oficiais, o presente texto enfatiza, por sua vez, os processos

populares de circulação da memória. A partir da análise do inventário testamentário de Monsenhor Antônio Rodrigues de Paiva e Rios, sacerdote oitocentista vinculado à cidade de Vassouras, os autores demonstram como um documento jurídico e patrimonial pode converter-se em fonte para a compreensão das dinâmicas religiosas de determinada comunidade. Em diálogo com a teoria da folkcomunicação de Luiz Beltrão, o texto evidencia que a permanência do Monsenhor no imaginário local não se explica apenas por registros institucionais, mas também pela ação dos devotos em suas narrativas de milagres e pelos ex-votos. A religião, é certo, mais do que um sistema doutrinário, é memória compartilhada das experiências cotidianas relativas ao sagrado. Assim sendo, o artigo contribui significativamente para os estudos que entrelaçam religião e memória, e dá voz às expressões religiosas marginalizadas pela cultura oficial.

Embora abordem universos empíricos e tradições intelectuais muito distintos, os artigos livres reunidos neste volume compartilham uma preocupação fundamental: compreender os processos pelos quais os seres humanos produzem sentido diante da realidade. Seja por meio das imagens e dos ritos, da interpretação de textos sagrados, da reflexão filosófica sobre a subjetividade, da busca pela libertação do sofrimento ou da elaboração de espiritualidades críticas e dissidentes, o que emerge é a centralidade das práticas interpretativas na constituição da experiência religiosa. Em todos os casos, a religião aparece menos como um sistema fechado de crenças e mais como um campo de disputas e mediações simbólicas no qual se articulam memória, linguagem, corpo, poder, identidade, transcendência e, ainda, muitos outros eteceteras que caracteriza, o humano em sua relação com o que entende como sagrado.

Vale ainda destacar – e não por último, mas por essencial – que em um cenário contemporâneo marcado tantas vezes por reducionismos metodológicos e simplificações conceituais, os textos aqui publicados recordam a importância da interpretação como exercício crítico de compreensão da pluralidade humana. Ao fazê-lo, contribuem não apenas para o avanço da pesquisa acadêmica na área da Ciência da Religião, mas também para o fortalecimento de um horizonte intelectual capaz de acolher a diversidade das experiências religiosas e das formas de produzir conhecimento sobre elas. E, não por último, contribuem para o entendimento de que a Ciência da Religião não deve e não pode se render a reducionismos conceituais, embora, é claro, não possa e não deva abrir mão de consagrados conceitos para suas análises, mas os utilizando de forma crítica e criativa.

Rodrigo Portella

Editor da Revista

Daniel Martins Dalpra

Daniel Salomão Silva

Diego Moreira Rodrigues

Dorotéia Expedita Schiller

Janaína Santos Ananias

Luana Aparecida Alves da Silva

Luana de Almeida Telles

Luís Felipe Lobão de Souza Macário

Maria Thalita Merighe dos Reis

Nicholas Emanuel Rodrigues Reis

Thiago Abdala Barnabé
Túlio Fernandes Brum de Toledo
Equipe editorial